

Anacolúta — Estrutura do anacoluto

José Rebouças Macambira

“O papel do anacoluto é pôr em relevo a idéia primordial que temos em mente. Comum no grego antigo e na literatura clássica, é hoje combatido pela *disciplina gramatical* (V.)” (24, p. 41).

“A definição do anacoluto permite que sob a mesma rubrica se reúnam anomalias sintáticas de tipos bem diferentes. No estudo particular dos fenômenos, costuma-se entretanto restringir o domínio e considerar muitos fatos sob outros aspectos (06, p. 28).

5.1 — ETIMOLOGIA

Anacolúta vem do grego *an* ‘não’ e *akoloutia* ‘seqüência’, por conseguinte ‘falta de seqüência’, donde ‘irregularidade gramatical’.

Anacolúta e *anacoluto* são termos sinônimos, tanto em grego como em português: é literalmente a oração que principia de maneira ordinária e, quebrada a seqüência, termina de maneira irregular.

5.2 — DEFINIÇÃO

Anacoluto é uma construção irregular em que um termo da oração, destinado pela direção inicial à função de sujeito ou de objeto direto, fica sintaticamente solto, dado o rumo imprevisto que a oração tomou:

a) *Meu pai* eu honrarei sempre a memória *dele* em que *meu pai* se destinava a ser o sujeito. “Em meio do caminho

dá-se pelo descuido, faz-se pausa, e não convindo tornar atrás, procura-se saída em outra direção (06, p. 22).

b) O homem *que lhe* admiras a inteligência é simples e generoso onde o relativo *que* se destinava a ser o objeto direto. Compare-se com “o homem que admiras é simples e generoso”.

O termo *assintático** (*meu pai, que*) não pode ser preposicionado, porquanto representa um sujeito ou objeto direto frustrados, e não é tão solto que não se lhe possa prever e regular o aparecimento. Todo anacoluto é analisável e se manifesta em situações inteiramente previsíveis. É um artifício para justificar evidentes atentados à *disciplina gramatical* (24, p. 122). O móvel psicológico do anacoluto é que, sugestionado pela expressão mais importante, conferimos-lhe prioridade sintática, e, sentido mais adiante o impossível de levá-lo a bom termo, não procuramos tornar atrás, e concluímos indisciplinadamente o nosso trajeto estrutural.

Chama-se *termo corretivo* o pronome ou advérbio, seqüente ao termo assintático do anacoluto pronominal, ou a preposição acrescentada ao termo assintático do anacoluto profundo.

Nos exemplos *a* e *b*, supracitados, os termos assintáticos são *meu pai* e *que*; os corretivos *ele* e *lhe*. Em

c) *Meu pai*, eu honrarei sempre a *sua* memória

o termo assintático é *meu pai*, o corretivo o pronome *sua*.

Os parágrafos seguintes se destinam a explicar o que significa *preposição implícita*, sobremodo importante para a inteligência dos capítulos seguintes.

Todo pronome átono, objetivo indireto ou adnominal, contém implicitamente uma preposição, geralmente *a* ou *de*, que pode ser explicitada:

| | | | | | |
|------|---|----------|-------|--------------|-----|
| me | = | <i>a</i> | mim, | <i>de</i> | mim |
| te | = | <i>a</i> | ti, | <i>de</i> | ti |
| lhe | = | <i>a</i> | ele, | <i>dele</i> | |
| nos | = | <i>a</i> | nós, | <i>de</i> | nós |
| vos | = | <i>a</i> | vós, | <i>de</i> | vós |
| lhes | = | <i>a</i> | eles, | <i>deles</i> | |

*. *Termo assintático* é o que desencadeia o descaminho sintático.

Objetivo indireto: *mostrou-me o carro* = *mostrou o carro a mim*; adnominal: *quebrou-me o carro* = *quebrou o meu carro*.

Todo pronome possessivo contém implicitamente a preposição *de* mais um pronome pessoal tônico:

meu = *de* mim
teu = *de* ti
seu = *dele, dela, de* você, *de* si
nosso = *de* nós
vosso = *de* vós
seu = *deles, delas, de* vocês, *de* si

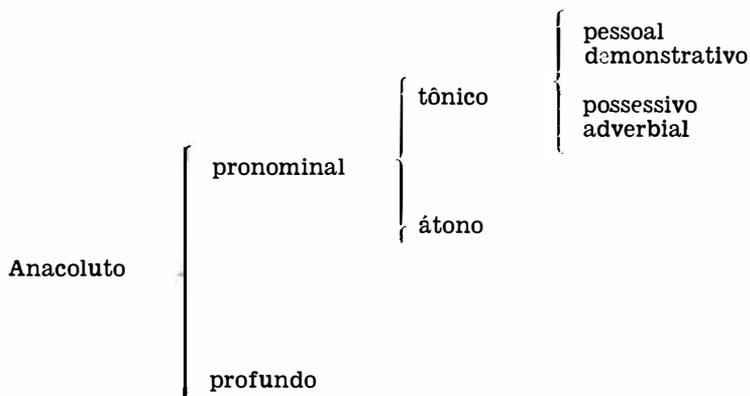
Exemplo: *o nosso interesse* = *o interesse de nós*.

Todo advérbio, nominal ou pronominal, contém implicitamente uma preposição (67, p. 85):

ternamente = *com* ternura
aqui = *neste* lugar.

5.3 — A DIVISÃO

O anacoluto divide-se em pronominal e profundo, subdivide-se em tônico e átono, e ressubdivide-se em pessoal, demonstrativo, possessivo e adverbial:



O anacoluto pressupõe geralmente a presença de uma preposição, seja na estrutura superficial, portanto explícita, seja na estrutura profunda, facilmente explicitável. “A

falta de cuidado em expressar uma preposição a tempo e colocá-la em seu lugar competente obriga o orador a juntar depois a preposição a um pronome pleonástico referido ao termo despreposicionado, sem o que ficaria a oração sem sentido" (06, p. 22).

Existe somente um caso em que não ocorre a preposição: é quando o termo assintático é um pronome subjetivo, e o termo corretivo é um pronome objetivo direto:

Ele, toda a cidade o venera,
tema que será desenvolvido na ocasião oportuna.

5.4 — ANACOLUTO PRONOMINAL

Pronominal é o anacoluto que apresenta um pronome pessoal, demonstrativo, possessivo, ou um advérbio pronominal, cuja função é remediar o erro de partida cometido no trajeto oracional. Opõe-se ao anacoluto profundo, que não apresenta nem pronome nem advérbio pronominal.

O pronome e o advérbio contém uma preposição explícita, que lhes é precedente, ou uma preposição implícita, que lhes é subjacente.

PREPOSIÇÃO EXPLÍCITA

Em

- a) Este caso, eu me ocupo *dele*
a preposição explícita é *d*, alomorfe do morfema *de*. Em
- b) A terra em que tu morreres, *nessa* morrerei (76, p. 258),
a preposição explícita é *n*, alomorfe do morfema *em*. Em
- c) A fazenda, n'ninguém gosta *de lá*
a preposição explícita é *de*.

PREPOSIÇÃO IMPLÍCITA

Em

- a) O genro, não *lhe* falta nada (31, p. 353)
a preposição *a* está implícita em *lhe*, substituível por *a ele* (não falta nada a ele). Em
- b) Este homem, é triste a *sua* história
a preposição está implícita no possessivo *sua*, substituível por *dele* (aquele homem, é triste a história dele). Em
- c) O casarão, ninguém mora *lá*
a preposição *em* está implícita no advérbio *lá* (o casarão, ninguém mora nele, onde ocorre o alomorfe *n*).

5.5 — ANACOLUTO PRONOMINAL TÔNICO

Pronominal tônico é o anacoluto em que desenvolve um pronome pessoal*, demonstrativo, numeral, possessivo, ou um advérbio pronominal, cuja função é corrigir o erro inicial do termo assintático, isto é, relacionar o termo solto. Manifesta-se tanto em oração independente como em subordinada.

I) Em oração independente

Pronome pessoal:

Meu pai, eu honrarei sempre a memória *dele*, em que *dele* vem regido pela preposição *de*, que deveria estar regendo o termo assintático *meu pai*. Para normalizar a sintaxe, suprime-se o pronome tônico *ele*, antepõe-se a preposição *de* ao termo assintático:

Eu honrarei sempre a memória de meu pai, suprimido o pronome tônico e anteposta a preposição *de* à construção *meu pai*

Outros exemplos ilustrativos

a) *Este povo por ele* choro e bramo (25, II, 40) cuja normalização é a seguinte: *por este povo choro e bramo*.

b) Vereis *este* tremer *dele* Netuno (25, II, 47) cuja normalização é a seguinte: *vereis deste tremer Netuno*, isto é, por causa deste.

c) *O menino, que é feito dele?* (38, p. 438) cuja normalização é a seguinte: *que é feito do menino?*

d) *Algun* que havia, o fogo tomou posse *dele* (06, p.27) cuja normalização é a seguinte: *de algun que havia o fogo tomou posse*.

e) *Aqueles inimigos* não havia poder-se pleitear *com eles* (41, p. 22) cuja normalização é a seguinte: *não havia poder-se pleitear com aqueles inimigos*.

f) *A velha hipocrisia*, recordo-me *dela* com vergonha (33, p. 131) cuja normalização é a seguinte: *da velha hipocrisia recordo-me com vergonha*.

* Os pessoais são estes: *ele — ela — eles — elas* e menos frequentemente *mim, ti, nós, vós*.

g) *Eu por bem farão tudo de mim* (88, p. 241)
cuja normalização é a seguinte: *de eu por bem farão tudo*
e por imposição da regência *de mim por bem farão tudo*. O
termo assintático, representado pelo pronome reto, é su-
primido no fim da normalização, ou *delido* (deleted), se
preferirmos a nomenclatura da gramática transformacio-
nal (09, p. 26-28).

h) *Certas cousas é melhor não falar nelas* (58, I, p. 290)
cuja normalização é a seguinte: *em certas cousas é melhor*
não falar.

i) *Nós, você pode contar conosco*
cuja normalização é a seguinte: *com nós você pode contar*,
donde *conosco você pode contar* por imposição da regência.

j) *Tu, a classe gosta de ti*
cuja normalização é a seguinte: *de tu, a classe gosta*, donde
a classe gosta de ti, por imposição da regência.

k) *Vós, ninguém se queixa de vós*
cuja normalização é a seguinte: *ninguém se queixa de vós*.

l) *Martim Afonso ficou o navio com ele* (17, p. 242)
cuja normalização é a seguinte: *com Martim Afonso ficou*
o navio.

m) *Poetastros sem gramática, Deus nos livre deles* (51,
p. 234)
cuja normalização é a seguinte: *de poetastros sem gramá-*
tica Deus nos livre ou *Deus nos livre de poetastros sem gra-*
mática.

n) *Quem disser mal de D. Henrique, eu me matarei com*
*ele** (15, p. 22)
donde *com quem disser mal de D. Henrique eu me matarei*.

o) *Quem mal governar sua pessoa e casa, não se deve*
esperar dele que governe bem as alheias (16, p. 22)
cuja normalização é a seguinte: *de quem mal governa sua*
pessoa e casa, não se deve esperar que governe bem as alheias.

p) *O príncipe, começaram de indignar** el-rei contra ele*
(16, p. 25)
cuja normalização é a seguinte: *começaram de indignar*
el-rei contra o príncipe.

q) *A rosa, fale por ela outra* (75, p. 233)
cuja normalização é a seguinte: *pela rosa fale outra*.

* Oração anacolútica é aquela em que se depara o termo corretivo,
e não aquela em que se depara o termo assintático: neste caso
eu me matarei com ele; o termo assintático é a subordinada
substantiva *quem disser mal de D. Henrique*.

** A construção moderna é *começaram a indignar*.

r) *Os incômodos do coração não me dão deles* (33, p. 207) cuja normalização é a seguinte: *dos incômodos do coração não me dão.*

s) *Essas criadas de hoje não se pode confiar nelas* (69, p. 404) cuja normalização é a seguinte: *nessas criadas de hoje não se pode confiar.*

t) *Esses colonos, não digo nada contra eles* (80, p. 404) cuja normalização é a seguinte: *contra esses colonos não digo nada.*

u) *O tal Eliot dizem-se dele* horríveis coisas (32, p. 258) cuja normalização é a seguinte: *do tal Eliot dizem-se horríveis coisas.*

v) *As chaves das prisões recolhia-se com elas* o carcereiro (32, p. 18) cuja normalização é a seguinte: *o carcereiro recolhia-se com as chaves da prisão.*

w) *A mais pequena falta hei de repreendê-lo por ela* (32, p. 71) cuja normalização é a seguinte: *hei de repreendê-lo pela mais pequena falta.*

x) *O caminho do Senhor não atinamos com ele* (21, I, p. 186) cuja normalização é a seguinte: *não atinamos com o caminho do Senhor.*

A virgulação do termo assintático é optativa, conforme o demonstram os exemplos citados e citandos. "A vírgula em certos casos separa o suposto termo desgarrado do resto do contexto" (56, p. 146).

Pronome demonstrativo:

A terra em que tu morreres, nessa morrerai (76, p. 258) cuja normalização é a seguinte: *na terra em que tu morreres, morrerai.*

Pronome possessivo:

Meu pai, eu honrarei sempre a sua memória cuja normalização é a seguinte: *de meu pai eu honrarei sempre a memória* ou *eu honraria sempre a memória de meu pai*, substituído *sua* por *dele* conforme o capítulo "5.2-Definição".

Outros exemplos ilustrativos

a) *Plafon* andava o *seu* nome no bico dos pássaros (66, p. 242)

cujas normalizações são a seguinte: *andava o nome de Plafon no bico dos pássaros*, substituído *seu* por *dele*. A distribuição dos termos pode variar conforme o critério estilístico de cada um.

b) *As outras*, que as asas do anjo Asrael se estendam sobre os *seus* cadáveres (59, p. 163)

cujas normalizações são a seguinte: *que as asas do anjo Asrael se estendam sobre os cadáveres das outras*

c) *O povo*, os *seus* passeios favoritos são a *Madre de Deus** e o *Beato* (55, p. 242)

cujas normalizações são a seguinte: *os passeios favoritos do povo são a Madre de Deus e o Beato*.

d) *O piloto*, o *seu* primeiro cuidado é fugir (92, p. 301)
cujas normalizações são a seguinte: *o primeiro cuidado do piloto é fugir*.

e) *Eles*, o *seu* desejo é exterminar (55, p. 126)
cujas normalizações são a seguinte: *deles, o desejo é exterminar* ou antes *o desejo deles é exterminar*, substituído *seu* por *deles*.

f) *Vós*, o sangue cairá sobre *vossas* cabeças (94, p. 146)
cujas normalizações são a seguinte: *o sangue cairá sobre as cabeças de vós*, substituído *vossas* por *de vós*.

g) *Os oficiais*, *seus* martelos nunca estavam quedos (96, p. 90)
cujas normalizações são a seguinte: *os martelos dos oficiais nunca estavam quedos*.

h) *O forte*, o cobarde *seus* feitos inveja (45, p. 420)
cujas normalizações são a seguinte: *o cobarde inveja os feitos do forte*.

i) *O reideiro*, são *seus* fiadores levados pelos ares (41, p. 241)
cujas normalizações são a seguinte: *os fiadores do reideiro são levados pelos ares*.

j) *Eu*, o *meu* remédio é fazer uma jornada (30, p. 126)
cujas normalizações são a seguinte: *o remédio de mim é fazer uma jornada*. Compare-se com *o Carlos, o seu remédio é fazer uma jornada*, cuja normalização é *o remédio do Carlos é fazer uma jornada*.

* *Madre de Deus* é um convento de Lisboa; *Beato* é um bairro.

k) *Nós*, ninguém pode negar nossa bravura (64, p. 140) cuja normalização é a seguinte: *de nós, ninguém pode negar a* bravura* ou *ninguém pode negar nossa bravura*, substituído *nossas* por *de nós*.

l) *O fraco rei*, não são relíquias as *suas* que se guardem (55, p. 156)

cuja normalização é a seguinte: *as do fraco rei não são relíquias que se guardem*. A normalização torna-se mais clara com o sujeito na posição regular: “o fraco rei, as suas não são relíquias que se guardem”.

m) *O secular** distraído*, não podia parar noutra coisa o *seu* descuido (91, I, p. 50)

cuja normalização é a seguinte: *não podia noutra coisa o descuido do secular distraído*.

n) *As sutilezas do mundo* todo *seu* cuidado é afastar os outros (94, p. 145)

cuja normalização é a seguinte: *todo o cuidado das sutilezas do mundo é afastar os outros*.

o) Quem cumpre o que Deus aconselha, o *seu* trabalho se lhe torna em descanso (23, III, p. 18)

cuja normalização é a seguinte: *o trabalho de quem cumpre o que Deus aconselha se lhe torna em descanso*.

p) O filho do marquês de Marialva, a nobreza e a naturalidade de *seu* porte enlevavam os olhos

cuja normalização é a seguinte: *a nobreza e a naturalidade do porte do filho do marquês de Marialva enlevavam os olhos*. Em

Filho de marquês de Marialva, a nobreza e a naturalidade de *seu* porte enlevavam os olhos (86, p. 147)

a mera supressão do artigo desfaz o anacoluto e transforma *filho do marquês de Marialva* em reduzida gerundial adverbial com *sendo* na estrutura profunda: *sendo filho do marquês de Marialva* (68, p. 145-147)

Advérbio pronominal:

A casa, não podiam caber todos lá (09, p. 341)

cuja normalização é a seguinte: *na casa, não podiam caber todos*, substituído *lá* por *nela*, pois todo advérbio contém implicitamente uma preposição (cf. “5.2 — Definição”).

* Acrescentamos o artigo *a* porque *nossa* o pressupõe, visto alternar com *nossa*.

** Secular = leigo.

Seria incorreto analisar como oposto o termo assintático e como fundamental o pronome tônico em construções como:

Meu pai, eu honrarei sempre a memória dele em que *meu pai* seria o aposto, *ele* o fundamental. Dois motivos o invalidam: a) o aposto anteposto é construção intencional, elaborada e, portanto, literária (67, p. 342), o que não ocorre com o anacoluto; b) desapareceria o objeto direto pleonástico do tipo *a morte, não a temerás*, pois *a morte* se analisaria como aposto do pronome *a*: *não a temerás — a morte*. O sujeito, o predicativo e o objeto indireto pleonásticos também desapareceriam: a) ele tinha uma grande idéia, o padre João (31, p. 139); b) desconfiado sempre o serei; c) aos fidalgos era-lhes permitido (31, p. 47). Desapareceriam quiçá todos os pleonasmos.

II — *Em subordinada substantiva*

Meu pai, eu juro que sempre honrarei a memória *dele* cuja normalização é a seguinte: *eu juro que sempre honrarei a memória de meu pai*, suprimido o pronome pessoal *ele* e anteposta a *meu pai* a preposição *de*.

Outros exemplos ilustrativos

a) *um bom amigo*, tu sabes que faço tudo *por ele* cuja normalização é a seguinte: *tu sabes que faço tudo por um bom amigo*.

b) *Aquela casa*, eu já disse que não volto mais para *ela* cuja normalização é a seguinte: *eu já disse que não volto mais para aquela casa*.

c) Quem havia de cuidar

Que *dama formosa e bela*

Saltasse o demônio *nela* (26, p. 708) cuja normalização é a seguinte: *quem havia de cuidar que o demônio saltasse em dama formosa e bela*.

d) Saiba que *aquela* morena eu ainda penso muito *nela* cuja normalização é a seguinte: *saiba que eu ainda penso muito naquela morena*.

e) O pobre *mendigo*, é pena que *a ele* não tenham dado nada

cuja normalização é a seguinte: *é pena que não tenham dado nada ao pobre mendigo*.

f) Contam que *os teus irmãos* as garotas procuram sempre conversar com *eles*

cuja normalização é a seguinte: *contam que as garotas procuram sempre conversar com os teus irmãos.*

g) Eu já disse que *aquele projeto* eu votaria contra *ele* cuja normalização é a seguinte: *eu já disse que votaria contra aquele projeto.*

h) Tu sabes que *eu* ninguém tem raiva de *mim* cuja normalização é a seguinte: *tu sabes que ninguém tem raiva de eu e daí de mim*, por imposição da regência.

i) *Tu*, eu sei que ninguém se queixa de *ti* cuja normalização é a seguinte: *eu sei que ninguém se queixa de tu*, e daí *de ti*, por imposição da regência.

j) Tu sabes que *nós* ninguém tem raiva de *nós* cuja normalização é a seguinte: *tu sabes que ninguém tem raiva de nós*, suprimindo-se o segundo *nós*, que não é um expletivo, mas sim o termo corretivo.

k) *Vós*, eu sei que ninguém se queixa de *vós* cuja normalização é a seguinte: eu sei que *ninguém se queixa de vós*, suprimindo-se o segundo *vós*, que não é um expletivo, mas sim o termo corretivo.

l) Dizem que *tua* casa ninguém sai de *lá*, cuja normalização é a seguinte: *dizem que ninguém sai de tua casa.*

III) *Em subordinada adjetiva*

Com pronome tônico:

Meu pai, *que* sempre honrarei a memória *dele*, comerciou em Palmácia

cuja normalização é a seguinte: *meu pai, de quem sempre honrarei a memória, comerciou em Palmácia*

Outros exemplos ilustrativos

a) O homem *que* Deus está *nele*, nenhuma força o pode derrubar (93, p. 27)*

cuja normalização é a seguinte: *o homem em que Deus está, nenhuma força o pode derrubar*, suprimindo *ele* pronome tônico, e anteposta ao *que* a preposição *em*.

* O exemplo de Vieira subentende o relativo *que* e o verbo *está*: "O homem que está em Deus, e (que) Deus (está) nele, nenhuma força o pode derrubar."

- b) Corre um ribeiro *que* o ruído *dele* faz um saudoso tom** (83, p. 241)
cuja normalização é a seguinte: *corre um ribeiro do qual o ruído faz um saudoso tom* ou antes *cujo ruído faz um saudoso tom*, pois *cujo* se transforma regularmente em *do qual* (cf. 5.5.1).
- c) É o vestido *que* hei de andar *com ele* (73, p. 37)
cuja normalização é a seguinte: *é o vestido com que hei de andar****
- d) Há obras *que para elas* não bastam os poderes do bago* (40, p. 22)
cuja normalização é a seguinte: *há obras para as quais não bastam os poderes do bago*. Neste caso preferimos substituir *que* por *as quais*. É que certas preposições ou rejeitam *que* ou preferem *o qual*.
- e) O homem *que* você deu carona a *ele* é meu parente
cuja normalização é a seguinte: *o homem a quem você deu carona é meu parente*.
- f) O cavalo *que* vou *nele*
Está no campo se criando** (73, p. 38)
cuja normalização é a seguinte: *o cavalo em que vou está no campo se criando*.
- g) Alguns senhores há *que* não vale para *com eles* este argumento (23, I, p. 521)
cuja normalização é a seguinte: *alguns senhores há para com os quais não vale este argumento*.
- h) Não havemos ser*** como maus pagadores, *que* nada se cobra *deles* (23, IV, p. 377)
cuja normalização é a seguinte: *não havemos ser como maus pagadores, dos quais nada se cobra*.
- i) Aqui um globo vem no ar, *que* o lume claríssimo *por ele* penetrava (25, X, 77)
cuja normalização é a seguinte: *aqui um globo vem no ar, pelo qual o lume claríssimo penetrava*.
- j) Correram atrás de mim três cachorros, *que* um *deles* era danado (46, p. 124)
cuja normalização é a seguinte: *correram atrás de mim três cachorros, dos quais um era danado*.

** Cf. "é um sujeito que ninguém gosta dele".

*** Outros exemplos do mesmo autor: a) *o homem que fui com ele*; b) *o navio que ela veio nele*; c) *as pessoas que ele tem confiança nelas* (73, p. 37).

* *Bago* é o mesmo que *báculo* 'bastão episcopal'.

** Exemplo colhido nos *Cantos Populares do Brasil* (73, p. 38).

*** Modernamente *havemos de ser*.

k) Quero-te cantar aquela* *que* ontem cantei sem ela (82, p. 58)

cuja normalização é a seguinte: *quero-te cantar aquela sem a qual ontem cantei.*

l) Dos cabelos se cobria,
Cabelos *que* já algum dia

alguém ficou neles preso (72, p. 80)

cuja normalização é a seguinte: *dos cabelos se cobria, cabelos nos quais já algum dia alguém ficou preso.*

m) Batalhas tem campais, aventureiras,

Desafios cruéis! pintura fera,

Que, tanto que** ao gentio se apresenta,

Atento nela os olhos apascenta (25, VII, 74)

cuja normalização é a seguinte: *batalhas tem campais, aventureiras, desafios cruéis: pintura fera, em que tanto que ao gentio se apresenta, atento os olhos apascenta.*

n) Por estes vos darei um Nuno fero,

Um Egas e um Dom Fuas, *que* de Homero

A cítara *par'eles* só cobiço (25, I, p. 12)

cuja normalização é a seguinte: *por estes vos darei um Nuno Fero, um Egas e um Dom Fuas, para os quais de Homero a cítara só cobiço, preferido os quais a que.*

o) Sempre nestes choupos há

Um rato *que* o queijo é dele (78, p. 28)

cuja normalização é a seguinte: *sempre há nestes choupos um rato do qual é o queijo.*

p) Sou um patrão *que* todo empregado gosta de mim

cuja normalização é a seguinte: *sou um patrão de quem todo empregado gosta.*

q) És um chefe *que* o povo não tem queixa de ti

cuja normalização é a seguinte: *és um chefe de quem o povo não tem queixa.*

Pronome possessivo:

Desta o Pastor nasceu *que* no seu nome

Se vê *que* de homem forte os feitos teve*** (11, III, 22)

* Entenda-se *aquela planta* (cfr. 02, p. 126).

** Tanto *que* = logo *que*.

*** A propósito deste anacoluto, eis como judiciosamente se manifesta Jucá: "Certas construções, sem mesmo ser tachadas de errôneas, são de todo ponto impraticáveis na gramática portuguesa literária, com cujas normas não bem se ajeitam" (61, p. 139). Esta crítica é válida para todo anacoluto de subordinada adjetiva.

cuja normalização é a seguinte: *desta o Pastor nasceu em cujo nome se vê que de homem forte tem os feitos, onde em cujo nome corresponde a no nome do qual.*

Outros exemplos ilustrativos

a) É um homem *que* nunca se achou engano em *sua* boca (19, p. 294) cuja normalização é a seguinte: *é homem de cuja boca nunca se achou engano*, isto é, *na boca do qual*, se quisermos evitar o *cuja*.

b) Serafim foi uma criatura *que* todo o Cariri riu com as *suas* maluquices (27, p. 205) cuja normalização é a seguinte: *Serafim foi uma criatura com cujas maluquices todo o Cariri riu*, isto é, *com as maluquices do qual*.

c) É homem *que* da *sua* boca nunca sai senão a verdade pura (79, I, p. 159) cuja normalização é a seguinte: *é homem de cuja boca nunca sai senão a verdade pura*, pois *cuja* corresponde a *do qual*.

Advérbio pronominal:

É uma casa *que* nunca se vai lá cuja normalização é a seguinte: *é uma casa para a qual nunca se vai* ou *para onde* se preferirmos o advérbio relativo. Substituímos *que* por *a qual*: a construção *para que nunca se vai* deve ser evitada. *Para* e a maioria das preposições determinam a substituição de *que* por *o qual*.

É freqüente omitir-se o pronome tônico e a respectiva preposição, vazia de conteúdo semântico, mormente *a*, *de*, *em*. É uma sintaxe de baixo nível social, que deve ser cuidadosamente evitada; pois, se manifesta com muita freqüência no intercâmbio coloquial:

a) É um caso que dou muita importância em lugar de *que dou muita importância a ele*;

b) É uma festa que gosto muito, em lugar de *que gosto muito dela*;

c) É um negócio que não estou interessado, em lugar de *que não estou interessado nele*.

Omite-se também o advérbio:

É um lugar que não vou nunca
em lugar de *que não vou lá nunca*.

A propósito do anacoluto em subordinada adjetiva, é importante fazer as seguintes citações:

“Essa construção anômala, em que há manifesta violação das regras mais elementares da sintaxe, mas em que há, não raro, pela eterna lei das compensações, mais sentimentos e vivacidade do que na coordenação lógica, é a que os árabes observam sem que a reputem erro ou incorreção” (14, p. 257), e “nas línguas semíticas é geralmente a gramática comum e regular” (14, p. 257)

“Em francês, o povo, quando fala, rejeita as formas *cujo, ao qual, para o qual*, que lhe parecem incômodas e pesadas; contenta-se em marcar a relação por um *que*, livre para indicar mais adiante na oração adjetiva o gênero de relação que tem por objetivo: em lugar de *l'home dont je connais la fille, le patron pour lequel je travaille, le pauvre à qui je fais l'aumône**, se dirá: *l'homme que je connais sa fille, le patron que je travaille pour lui, le pauvre que je lui fais l'aumône.*** Estes torneios, constantes no francês falado hoje, eram usuais nos dialetos célticos da idade média. Manifestam bem a independência da linguagem falada e da linguagem escrita” (89, p. 174)

“As aludidas construções da língua portuguesa popular podem-se aproximar da sintaxe inglesa: *the bed that I have slept in* (a cama que dormi em). Neste idioma a preposição não é seguida de pronome pessoal a completar o sentido como em português popular: *o cavalo que eu vou nele, o homem que eu fui com ele*” (14, p. 259)

Em Portugal não difere a situação: “Nas orações adjetivas*** em que o relativo deveria ser precedido de uma preposição, omite-se freqüentemente essa preposição, que é depois empregada com um pronome pessoal, para exprimir a mesma relação, no meio ou no fim da frase: *o menino que eu lhe dei um livro, o homem que eu fui com ele*”, palavras de Júlio Moreira, filólogo e humanista português, helenista e arabista notável (73, p. 37) Ouçamos o arabista: “Não

* Tradução: *o homem cuja filha conheço, o patrão para o qual trabalho, o pobre a quem dou esmola.*

** Tradução: *o homem que conheço a filha dele, o patrão que trabalho para ele, o pobre que dou esmola a ele.* Traduzimos *sa* por *dele* e *lui* por *a ele* para tornar a tradução tão espontânea quanto o original francês.

*** O autor emprega *orações relativas* em lugar de *adjetivos*.

queremos de maneira alguma dizer que este modo de formar as orações adjetivas no árabe, língua que se falou no nosso país durante séculos, fosse a origem da construção popular do português, pois concebe-se sem dificuldade que independentemente dessa influência a rigorosa precisão das orações adjetivas* se quebrasse por uma tendência para a simplificação e generalização, tendência que resultaria de ser muito mais irrequente o emprego do pronome *que*, c. mo sujeito e como objeto direto**, isto é, não precedido de preposição” (73, p. 37-38).

5.5.1 — CUJO E O RELATIVO TÔNICO

Quando a preposição *de* vem precedida por um nome,*** como em

Chame a criança que o *pai dela morreu* a normalização é a seguinte, conforme as transformações estatuidas: *chame a criança de quem o pai morreu*, ou *de que* e até *da qual* se optarmos por outro pronome relativo. Como o relativo *cujo* é a forma genitiva de *quem* - *que* - *o qual*, e, portanto, contém implicitamente a preposição *de* (*cujo* = *de quem*, *de que*, *do qual*), é comum empregá-lo no registro literário:

Chame a criança *cujo pai morreu*, onde *cujo pai morreu* equivale a *de quem* ou *da qual o pai morreu*, bem como *de que o pai morreu*, pois “este pronome tem por antecedente *pessoa ou coisa*” (77, p. 314).

Pelo menos em português hodierno, *cujo* vem necessariamente precedido e seguido por um nome; é, por conseguinte, um pronome adjetivo internominal. O nome precedente pode ser repetido após *o qual*:

A região é a terra que jaz entre os rios Indo e Ganges, *do qual Indo* ela tomou o nome (13, p. 137) traços que, aparentemente insignificante, serve para diferenciar, como veremos em breve, a sintaxe antiga e a moderna.****

* O autor emprega *proposições relativas*.

** O autor emprega *complemento direto*.

*** Neste caso, *nome* abrange substantivo, pronome e numeral.

**** Mário Barreto cita outros exemplos e faz excelente comentário (13, p. 136-137).

Outros exemplos ilustrativos

a) Onde está o velho *que* tomaram a terra *dele*?
cuja normalização é a seguinte: *onde está o velho de quem (de que ou do qual) tomaram a terra ou cuja terra tomaram?*

b) Quem é o guarda *que* deram maconha à filha *dele*?
cuja normalização é a seguinte: *quem é o guarda à filha do qual deram maconha ou a cuja filha deram maconha?*
É de notar que a sintaxe *quem é o guarda à filha de quem* ou *de que deram maconha* se antolha inusitada e artificial. É preciso disciplinar o emprego de *quem - que - o qual*, mas isto é tema que foge ao objetivo desta monografia.

c) A moça *que* você mora na casa *dela* é bonita
cuja normalização é a seguinte: *a moça na casa de quem você mora é bonita*, bem como *na casa da qual* ou *em cuja casa*.

Nos seguintes exemplos

a) *Cujo filho és?* (26, p. 755) = de quem és filho?

b) Soube *cujo* filho era o moço (29, II, p. 210) = soube de quem o moço era filho,
o antecedente falta, *cujo* não é pronome relativo, mas interrogativo e obsoleto. Em

c) Recebeu o nome do *santo cujo* era o dia (03, p. 188) = recebeu o nome do santo do qual era o dia;
há o antecedente (*santo* do qual *santo*), mas falta o conseqüente: a sintaxe portanto é obsoleta, visto *cujo* não ser internominal. Em

d) É escusado dizer-vos *cujo* era esse vulto (58, p. 49) = é escusado dizer-vos de quem era esse vulto,
antecedente e conseqüente faltam, e *cujo* é pronome interrogativo, por conseqüente, obsoleto. No provérbio

e) Bem sabe o gato *cujas* barbas lambe (44, p. 88),
há o conseqüente (*barbas*), mas falta o antecedente; *gato* parece-o, mas não pode sê-lo: é que *bem sabe o gato do qual gato as barbas lambe* é inadmissível, pois contraria o conteúdo semântico. Não é *do qual gato*, porém, *de que pessoa* lambe as barbas. Não são as próprias barbas que o gato lambe, são as barbas de outra pessoa. Por outro lado, *cujas* não é pronome relativo, mas interrogativo, e não mais se usa em moderno português.

Para evitar o anacoluto bem como graves erros sintáticos, introduzimos a descrição de *cujo* nesta monografia.

5.5.2 — REPRODUÇÃO DO PRONOMINAL TÔNICO

Só podemos afirmar que sabemos uma cousa, quando a reconhecemos e reproduzimos. Admitido que reconhecemos o anacoluto relativo tônico, vamos então reproduzi-lo.

I — *Em oração independente*

- a) Lutarás contra o rico impiedoso,
donde *o rico impiedoso, lutarás contra ele.*
- b) Ninguém conversa com teu vizinho,
donde *teu vizinho, ninguém conversa com ele.*
- c) Não se pode viver sem dinheiro,
donde *dinheiro, não se pode viver sem ele.*

II — *Em subordinada substantiva*

- a) Juraste que lutarias contra o rico impiedoso,
donde *o rico impiedoso, juraste que lutarias contra ele* ou *juraste que o rico poderoso lutarias contra ele.*
- b) É lamentável que ninguém converse com teu vizinho,
donde *teu vizinho, é lamentável que ninguém converse com ele* ou *é lamentável que teu vizinho ninguém converse com ele.*
- c) É verdade que não se pode viver sem dinheiro,
donde *é verdade que dinheiro não se pode viver sem ele* ou *dinheiro, é verdade que não se pode viver sem ele.*

III) *Em subordinada adjetiva*

- a) O professor com quem estudo sabe muito,
donde *o professor que estudo com ele sabe muito.*
- b) O jovem com quem dançavas é meu primo,
donde *o jovem que dançavas com ele é meu primo.*
- c) Tenho um sobrinho por quem faço tudo,
donde *tenho um sobrinho que faço tudo por ele.*

Nos capítulos seguintes omitiremos a reprodução do anacoluto, mas o reproduzi-lo é sempre útil e recomendável.

5.6 — ANACOLUTO PRONOMINAL ÁTONO

Pronominal átono é o anacoluto em que se desenvolve um pronome pessoal átono,* em geral implicitamente pre-

* Os pronomes são estes: *lhe-lhes* e menos freqüentemente *me, te, nos, vos*, objetivos indiretos, completivos nominais ou adnominais, excepcionalmente objetivos-diretos (excluídos *lhe-lhes*).

posicionado, que se destina a corrigir o termo anacolítico, isto é, sintaticamente solto, responsável pelo descaminho gramatical. Manifesta-se tanto em oração independente como em subordinada, exatamente como o pronominal tônico.

I) *Em oração independente***

Meu pai, eu lhe honrarei sempre a memória cujo *lhe* se transforma em *dele*, por causa da preposição implícita, donde *meu pai, eu honrarei sempre a memória dele*, pois o pronome átono é igual a preposição mais pronome tônico. Como já se utilizou este exemplo, basta rever "5.5 — *Anacoluto Pronominal Tônico*" para normalizar a construção.

Outros exemplos ilustrativos

a) *Eu, dói-me a consciência* (52, p. 679) donde *dói a consciência a eu**** (explicitada a preposição a latente no pronome átono *me*), convertido em *dói a consciência a mim* ou *dói-me a consciência*.

b) *Tu, aquela divina Eternidade te pague* (25, II, 104) donde *a tu, aquela divina Eternidade pague*, convertido em *aquele divina Eternidade pague a ti*, por imposição da regência, ou *aquele divina Eternidade te pague*.

c) *Nós, ser-nos-á forçoso examinar os sinais* (33, p. 35) donde *a nós, será forçoso examinar os sinais* ou *ser-nos-á forçoso examinar os sinais*.

d) *Vós, não vos devem nada* donde *não devem nada a vós* ou *não vos devem nada*.

e) *Duarte pareceu-lhe descortesia contra os caminhantes* (15, I, p. 264) donde *a Duarte pareceu descortesia contra os caminhantes*.

f) *O gigante com estas palavras cresceu-lhe mais a coragem* (15, I, p. 280) donde *ao gigante com estas palavras cresceu mais a coragem* ou *cresceu mais a coragem do gigante com estas palavras*. Substituímos a preposição *a* por *de* para usar a moderna sintaxe do português.

** *Independente* ou *principal*.

*** É necessário citar a sintaxe errada, para facilitar a explicação. Isto só acontece quando *eu* ou *tu* é o termo assintático.

g) *Um sacerdote, Baco em sonho lhe aparece* (25, VIII, 47)

donde *a um sacerdote Baco aparece em sonho.*

h) *Quem pena forçado lhe é gritar, se a dor é grande* (26, p. 322)

donde *a quem pena forçado é gritar, se a dor é grande.*

i) *Muitos estoura-lhes a pança* (63, p. 103)

donde *a muitos estoura a pança ou a pança de muitos estoura.*

j) *Adriano parecia-lhe estar escutando uma saudosa cítara* (19, p. 157)

donde *parecia a Adriano estar escutando uma saudosa cítara.*

k) *O homem deu-lhe no goto uma rapariga* (28, II, p. 214)

donde *ao homem deu no goto uma rapariga ou uma rapariga deu no goto do homem.*

l) *Vossas mercês nunca lhes falte o necessário* (90, p. 121)

donde *nunca falte o necessário a vossas mercês.*

m) *A mamãe veio-lhe a enxaqueca* (79, I, p. 147)

donde *à mamãe veio a enxaqueca ou veio a enxaqueca da mamãe.*

n) *Eu foi criatura que nunca me caiu em graça* (79, I, p. 153)

donde *a eu foi criatura que nunca caiu em graça → a mim foi criatura que nunca caiu em graça ou foi criatura que nunca me caiu em graça.*

o) *O Carlos custou-lhe muito a descer as escadas* (29, II, p. 109)

donde *ao Carlos custou muito a descer as escadas.*

p) *Ele, acreditando na ciência, afigurava-se-lhe que a Providência não castigaria* (29, II, p. 268)

donde *acreditando na ciência, afigurava-se a ele que a Providência não castigaria.*

q) *Ela nunca mais ninguém lhe pôs o olho no lombo* (29, II, p. 324)

donde *a ela nunca mais ninguém pôs o olho no ombro ou nunca mais ninguém lhe pôs o olho no lombo.*

r) *O moço não lhe fazia bem puxar pelas memórias* (29, II, p. 756)

donde *ao moço não fazia bem puxar pelas memórias ou não fazia bem puxar pelas memórias do moço. Não esquecer*

que a preposição *a*, do objeto indireto, se transforma com freqüência em *de*, do adjunto adnominal.

s) *O moleiro*, desde que o filho casara, andava-lhe tudo à medida dos seus desejos (57, II, p. 234)

donde *ao moleiro, desde que o filho casara, andava tudo à medida dos seus desejos ou para o moleiro, desde que o filho casara, andava tudo à medida dos seus desejos.*

t) *Uma pessoa*, que viveu toda a sua vida em um lugar, custa-lhe muito acostumar-se em outro (09, p. 70)

donde *a sua pessoa, que viveu toda a sua vida em um lugar, custa muito acostumar-se em outro.*

u) *Bartolomeu* andava-lhe a cabeça à roda (57, II, p. 267)

donde *a Bartolomeu andava a cabeça à roda ou antes a cabeça de Bartolomeu andava à roda.*

v) *As unhas...* só podiam as paletas

De um chinês irritar-lhes o rosado (42, p. 105)

donde *só as paletas de um chinês podiam imitar o rosado das unhas. A variante às unhas só as paletas de um chinês podiam imitar o rosado é um tanto forçada.*

w) *Um grande homem* nunca lhe faltam aduladores (12, p. 72)

donde *a um grande homem nunca faltam aduladores.*

x) *O desgraçado* tremiam-lhe as pernas (54, p. 545)
donde *ao desgraçado tremiam as pernas ou antes tremiam as pernas do desgraçado.*

y) *O diretor*, doía-lhe a despesa infrutuosa do colegial (28, III, p. 81)

cuja normalização é a seguinte: *ao diretor doía a despesa infrutuosa do colegial.*

z) *Leontino* começaram-lhe a correr as lágrimas (66, p. 242)

donde *a Leontino começaram a correr as lágrimas ou antes começaram a correr as lágrimas de Leontino.*

Antepondo-se ao termo assintático a preposição *a*, o anacoluto pronominal átono pode converter-se em objeto indireto pleonástico:

Este, deu-lhe supremo Deus um filho (25, III, 26)
donde *a este deu o supremo Deus um filho* e daí *a este deu-lhe o supremo Deus um filho.**

Nos anacolutos

* Outro exemplo: "O rei, este temor lhe esfria o baixo ventre" (25, VIII, 58-59), donde *ao rei este temor esfria o baixo ventre* e daí *ao rei este temor lhe esfria o baixo ventre.*

| | | | |
|--------------|-------------|-----------|--------------|
| <i>Eu,</i> | Deus sempre | <i>me</i> | ouvirá |
| <i>Tu,</i> | " | " | <i>te</i> " |
| <i>Ele,</i> | " | " | <i>o</i> " |
| <i>Nós,</i> | " | " | <i>nos</i> " |
| <i>Vós,</i> | " | " | <i>vos</i> " |
| <i>Eles,</i> | " | " | <i>os</i> " |

os termos corretivos não são implicitamente preposicionados, pois se trata de pronomes objetivos diretos, incompatíveis com a regência de preposição. O termo assintático é necessariamente um pronome subjetivo, conforme antecipamos em "5.3 — A *Divisão*". Quando o termo corretivo é preposicionado, incorpora-se a preposição no termo assintático, e suprime-se o pronome ou advérbio pronominal. Quando é casual,* incorpora-se o caso no termo assintático, e suprime-se o pronome reto. A incorporação converte o pronome subjetivo em objetivo direto:

Tu, antes *te* houvessem roto na batalha (07, p. 534) cuja normalização é a seguinte: *te*, antes houvessem roto na batalha, donde antes *te* houvessem roto na batalha, com deleção do *te* corretivo e redistribuição sintática dos termos.** Em

Você, Deus sempre *o* ouvirá não existe anacoluto, mas objeto direto pleonástico. É que *você* pode ser objeto direto, e os pronomes retos não podem. Dir-se-á *Deus sempre ouvirá você* não porém *Deus sempre ouvirá tu*.

II) *Em subordinada substantiva*

Meu pai, eu juro que sempre *lhe* honrarei a memória cuja normalização é a seguinte: *eu juro que sempre honrarei a memória de meu pai*.

Outros exemplos ilustrativos

a) *Manuel de Sousa*, pareceu que a mágoa *lhe* ressuscitou o entendimento (41, p. 241) cuja normalização é a seguinte: *pareceu que a mágoa ressuscitou o entendimento a Manuel de Sousa* ou *de Manuel de Sousa*.

b) Nunca Deus queira que *vossas mercês lhes* falte o necessário (90, p. 121)

* O pronome objetivo direto é causal, isto é, representa o acusativo latino.

** Embora discretamente, a nossa demonstração se fundamenta na gramática chomskyana, com delações e transformações.

cuja normalização é a seguinte: *nunca Deus queira que a vossas mercês falte o necessário.*

c) Como poderá falar *quem lhe* não de pedir conta de todas as palavras? (93, IX, p. 454)

cuja normalização é a seguinte: *como poderá falar a quem não de pedir conta de todas as palavras*, construção impecavelmente gramatical, porém destoante dos padrões sintáticos modernos. Em português contemporâneo é necessário inserir o demonstrativo *aquele*: “como poderá falar *aquele* a quem não de pedir conta de todas as palavras”, convertendo-se a subordinada substantiva subjetiva em subordinada adjetiva.

Este curioso tipo de subordinada substantiva, iniciada por *a quem*, não escapou à sagacidade e argúcia de Mário Barreto: a) Muito deve a Deus *a quem* ele deu filhos mansos (49, p. 303); b) Feliz *a quem* tal pai os deuses deram (53, p. 82); c) Ficou tão necessitado de socorro como *a quem* o vinha dar (20, p. 489). Em

d) Não seja ordenado *quem lhe* *faltar* esta qualidade (87, p. 129)

a normalização é a seguinte: *não seja ordenado a quem faltar esta qualidade*, que se torna mais simples com a precedência do *aquele* demonstrativo: “*não seja ordenado aquele a quem faltar esta qualidade*”.

e) *Quem lhe* falta dinheiro, falta-*lhe* conforto material em que há dois anacolutos: *aa quem falta dinheiro falta conforto material*,* normalização evidentemente condenável, embora seja coerente. A introdução de *aquele* dissocia e justifica as duas preposições: “*àquele a quem falta dinheiro falta conforto material*”. *Quem* e *lhe* são os termos assintático e corretivo do primeiro anacoluto, *quem lhe falta dinheiro* e *lhe* do segundo.**

f) Nem o Senhor se ausentou de *quem lhe* dão cuidado suas ausências (23, I, p. 228)

cuja normalização é a seguinte: *nem o Senhor se ausentou de a quem dão cuidado suas ausências* ou com desdobramento *nem o Senhor se ausentou daquele a quem dão cuidado suas ausências*.

* O primeiro *a* de *aa* corresponde ao primeiro *lhe*, o segundo *a* corresponde ao segundo *lhe*.

** Para entender facilmente que a subordinada *quem lhe falta o dinheiro* é o termo assintático, basta substituí-la por um substantivo: *o mendigo falta-lhe o conforto material*.

III) *Em subordinada adjetiva*

Meu pai, *que sempre lhe* honrarei a memória, comerciava em Palmácia
cuja normalização é a seguinte: *meu pai, de quem sempre honrarei a memória, comerciava em Palmácia, ou cuja memória sempre honrarei, pois cuja se transforma regularmente em de quem, de que ou do qual.*

Outros exemplos ilustrativos

a) Eram dois irmãos *que lhes* ficara de seus pais herança grossa (23, III, p. 344)
cuja normalização é a seguinte: *eram dois irmãos a quem ficara de seus pais herança grossa.*

b) O corpo *que lhe* falta alimento, o toma de si mesmo, consumindo-se (23, IV, p. 348)
cuja normalização é a seguinte: *o corpo a que falta alimento o toma de si mesmo, consumindo-se.*

c) O' morte, como amarga a tua memória ao homem *que* todas as cousas *lhe* saem à medida do seu gosto! (23, IV, p. 315)

cuja normalização é a seguinte: *ó morte, como amargx a tua memória ao homem a quem todas as cousas saem à medida do seu gosto!*

d) Olha Toro e Gidá, *que lhe* falece água das fontes, doce e cristalina (25, X, 99),
cuja normalização é a seguinte: *olha Toro e Gidá, a que falece água das fontes, doce e cristalina.* Toro e Gidá são cidades; *lhe* vale por *lhes*, como antigamente se usava.

e) O capitão, *que lhe* então convinha

Tornar a seu caminho acostumado,

Foi dele alegremente agasalhado (25, I, 95)

cuja normalização é a seguinte: *o capitão, a quem então convinha tornar a seu caminho acostumado, foi dele alegremente agasalhado.*

f) Amua-se como menino *que lhe* tiram a merenda (21, p. 254)

cuja normalização é a seguinte: *amua-se como menino a quem tiram a merenda.* "É freqüente aparecer na linguagem de outrora, e ainda ocorre no colóquio moderno, *que* ou *quem* seguido de pronome pessoal oblíquo (*que* ou *quem...* *lhe*), onde o rigor gramatical exigiria aqueles pronomes precedidos de preposição" (18, p. 154)

g) O Deus que foi convertido em peixe, e *que** deste dano *lhe* resultou deidade gloriosa, inda vinha chorando o feio engano” (25, VI, 24)

cuja normalização é a seguinte: *o Deus que foi convertido em peixe, e a quem deste dano resultou deidade gloriosa, inda vinha chorando o falso engano.*

h) Tal pode dizer essoutro,** *que lhe faltaram migalhas* (71, p. 211)

cuja normalização é a seguinte: *tal pode dizer essoutro, a quem faltaram migalhas.*

i) Bem pode ser que por esta razão fosse chamado Pato aquele poeta *que* só os seus versos *lhe* pareciam bem (19, p. 241)

cuja normalização é a seguinte: *bem pode ser que por esta razão fosse chamado Pato aquele poeta a quem só os seus versos pareciam bem.*

j) São destes *que* nem *lhes* parece que foram feitos de pó (48, II, p. 65)

cuja normalização é a seguinte: *são destes a quem nem parece que foram feitos de pó.*

k) Bem o vemos na triste vida de tantos loucos, *que* só *lhes* deixou a fortuna os olhos para chorarem (91, II, p. 134)

cuja normalização é a seguinte: *bem o vemos na triste vida de tantos loucos, a quem só deixou a fortuna os olhos para chorarem.*

l) O secular distraído, *que lhe* não veio nunca à memória a conta que havia de dar a Deus, não podia parar noutra coisa o seu descuido (91, I, p. 50)

cuja normalização é a seguinte: *o secular distraído, a quem nunca veio à memória a conta que havia de dar a Deus, não podia parar noutra coisa o seu descuido.* A oração principal contém outro anacoluto, já mencionado e normalizado em “5.5 — *Anacoluto Tônico*”.

m) Viu uma mulher *que lhe* falava o demônio no ventre (21, IV, p. 71)

cuja normalização é a seguinte: *viu uma mulher no ventre da qual falava o demônio, ou antes em cujo ventre.*

n) Não sejas daqueles desesperados *que se lhes* põe o sol ao meio-dia (21, II, p. 18)

cuja normalização é a seguinte: *não sejas daqueles desesperados cujo sol se põe ao meio-dia, isto é, de quem ou dos quais.*

* O *que* subentende-se no original.

** Essoutro = esse outro.

“Nos grandes autores da antiguidade, é muito frequente a ligação das proposições* pelo relativo *que* desacompanhado da preposição que o devia preceder para indicar-he a relação casual. O que acontece é que a preposição é depois empregada com um pronome pessoal para exprimir subsidiariamente a mesma relação, ou esta é representada, sem preposição, por um caso do pronome pessoal” (14, p. 262). “Os bons escritores de nossos dias são, neste particular, mais escrupulosos e exatos do que os nossos veneráveis antepassados” (14, p. 252).

5.7 — ANACOLUTO PROFUNDO

Profundo é o anacoluto que, não postulando um corretivo pronominal, postula uma preposição invisível — *sobre*, *quanto a* ou sinônimo, precedente ao termo assintático, para sanar a irregularidade gramatical.

I) *Em oração independente*

Os três reis *orientais*, é tradição da igreja que um era preto (95, p. 258) **
que se normaliza da seguinte maneira: *sobre os três reis orientais, é tradição da igreja que um era preto*, ou *quanto aos três reis orientais, a respeito dos três reis orientais, a propósito dos três reis orientais, com relação aos três reis orientais*, se preferirmos um sinônimo de *sobre*. Como se vê, trata-se de um *sobre* respectivo e não de um *sobre* locativo, pois a significação a *respeito de* é um traço distintivo desta forma de anacoluto.***

Chama-se *profundo*, porque a preposição, ausente da estrutura profunda (36, p. 64-106).

Outros exemplos ilustrativos

a) *Os cabelos*, uns pegavam-se na testa, outros entre-meavam-se nas rendas das franhas (28, I, p. 261)
que se normaliza da seguinte maneira: *quanto aos cabelos*,

* Proposições = orações.

** Se acrescentarmos o corretivo *deles*, o anacoluto profundo se converte em pronominal: *os três reis orientais, é tradição da igreja que um deles era preto*.

*** Pode-se acrescentar *falando-se* ao adjunto adverbial de referência e transformar o termo assintático em reduzida gerundial: *falando-se a respeito dos reis magos*.

uns pegavam-se na testa, outros entremeavam-se nas rendas das fronhas.

b) *Meu rapaz, isto quem tem família é assim* (62, p. 228) que se normaliza da seguinte maneira: *meu rapaz, quanto a isto quem tem família é assim.*

c) *Esquecer, qualquer esquece* (08, p. 315) que se normaliza da seguinte maneira: *quanto a esquecer, qualquer esquece.*

d) *As mãos pequenas e melindrosas, uma machucava a cambraia rendada, a outra brincava no regaço* (04, I, p. 91) que se normaliza da seguinte maneira: *quanto às mãos pequenas e melindrosas, uma machucava a cambraia rendada, a outra brincava no regaço.*

e) *Essas estradas, quando novo Eliseu as percorria, as crianças lançavam-me pedradas* (39, I, p. 154) que se normaliza da seguinte maneira: *quanto a essas estradas, quando novo Eliseu as percorria, as crianças lançavam-me pedradas.*

f) *O outro, as investigações que dele têm realizado os filólogos, podem levar a erro* (02, p. 74) que se normaliza da seguinte maneira: *quanto ao outro, as investigações que dele têm realizado os filólogos, podem levar a erro.* Este anacoluto não pode analisar-se como pronominal, porque os termos assintático e corretivo não se deparam na subordinada adjetiva: *o outro* figura na principal, e poderia ser dispensado.

g) *Quem guarda com fome, vem o gato e come* que se normaliza da seguinte maneira: *a propósito de quem guarda com fome, vem o gato e come.*

h) *Lá o dinheiro isso é o menos* (29, I, p. 878) que se normaliza da seguinte maneira: *lá quanto ao dinheiro isso é o menos.*

i) *Liberais e realistas, nenhum tem fé* (55, I, p. 107) que se normaliza da seguinte maneira: *quanto a liberais e realistas, nenhum tem fé.*

j) *Estes, o rei que têm não foi nascido príncipe* (25, X, 130) que se normaliza da seguinte maneira: *quanto a estes, o rei que têm não foi nascido príncipe.*

k) *Minha mãe, essa parecia indiferente* (28, I, p. 91) que se normaliza da seguinte maneira: *quanto a minha mãe, essa parecia indiferente.* Compare-se com o oposto poético de *homem sagaz, o vigário contornou a situação* (67, p. 342; a) *rejeita a preposição: quanto a homem sagaz, o*

vigário contornou a situação é de todo incompatível; b) *minha mãe parecia indiferente* é uma construção ordinária; *homem sagaz contornou a situação*, supresso o termo fundamental, é incomum e literária. Isto demonstra que *minha mãe* não é oposto, nem *essa* o fundamental.

l) *Portugueses*, é escusado esperarem algum * (34, p.258) que se normaliza da seguinte maneira: *quanto a portugueses, é escusado esperarem algum*.

m) *A guerra, este é o maior flagelo* (170, p. 438) que se normaliza da seguinte maneira: *a propósito da guerra, este é o maior flagelo*.

n) *Os que acompanhavam o enterro*,** o apenas dois o faziam por estima à finada (10, p. 454) que se normaliza da seguinte maneira: *quanto aos que acompanhavam o enterro, apenas dois o faziam por estima à finada*. Este anacoluto é mais propriamente um lapso machadiano. Pode-se perfeitamente usar a sintaxe regular, sem prejuízo da ênfase, que já está bem marcada pela transposição: *dos que acompanhavam o enterro, apenas dois o faziam por estima à finada*. Sem a ênfase teríamos: *apenas dois dos que acompanhavam o enterro o faziam por estima à finada*. A preposição *sobre* ou um sinônimo, e não *qualquer* preposição — é bom insistir — eis o traço estrutural do anacoluto profundo.

o) *Eu cá* é logo (29, I, p. 955) que se normaliza da seguinte maneira: *quanto a mim cá e logo*, transformado *eu* em *mim* por imposição da regência. Entre nós é mais comum *aqui*: *quanto a mim aqui é logo*.

p) *Lá pinga como a dele* isso ninguém na tem*** (63, p. 115) que se normaliza da seguinte maneira: *lá quanto a pinga como a dele isso ninguém na tem*.

q) *Dar-te, dava-te mesmo* (04, II, p. 110) que se normaliza da seguinte maneira: *quanto a dar-te, dava-te mesmo*.

r) *Lágrimas*, porém, nenhuma**** (29, 0, p. 1111) que se normaliza da seguinte maneira: *quanto a lágrimas, porém, nenhuma*.

* Este exemplo é valioso para demonstrar que o anacoluto profundo não pode analisar-se como aposto: a discordância é muito elucidativa.

** Rigorosamente considerado, o termo assintático é somente os.

*** *Na* é variante de *a*: *ninguém a tem*.

**** O contexto pressupõe o verbo *sair*: *lágrimas, porém, nenhuma saía*.

s) *Isto de homens todos são muito fortes* (29, 01, p. 984) que se normaliza da seguinte maneira: *quanto a isto de homens, todos são muito fortes.*

t) *Casos políticos de importância* um apenas alterou o monótono duelo (29, II, p. 236) que se normaliza da seguinte maneira: *quanto a casos políticos de importância um apenas alterou o monótono duelo.* Este anacoluto é mais propriamente um lapso camiliano. Pode-se perfeitamente usar a sintaxe regular: *de casos políticos de importância um apenas alterou o monótono duelo.* Será que a preposição *de* prejudica a ênfase, tão bem marcada pela transposição do adjunto adnominal? Cremos piamente que não.*

u) *O sítio onde o cavaleiro jazia*, isso é que não havia lá chegar (57, II, p. 41) que se normaliza da seguinte maneira: *quanto ao sítio onde o cavaleiro jazia, isso é que não havia lá chegar.*

v) *Olha, eu aturar não te aturo* (29, II, p. 531) que se normaliza da seguinte maneira: *olha, quanto a eu aturar não te aturo.*

w) *Eles que andam tão crentes nisto*, alguma coisa há de ser (52, II, p. 1098) que se normaliza da seguinte maneira: *quanto a eles que andam tão crentes nisto, alguma coisa há de ser.*

x) *Todo aquele que confessar meu nome eu confessarei também o seu* (19, p. 297) que se normaliza da seguinte maneira: *quanto a todo aquele que confessar meu nome, eu também confessarei o seu.* Se repetíssemos o substantivo *o nome*, o anacoluto se tornaria pronominal: *todo aquele que confessar o meu nome, eu também confessarei o seu nome*, transformável em *de todo aquele que confessar meu nome, eu confessarei também o nome*. O processo é comum: *seu* converte-se em *dele*, que transpõe a preposição e perde o pronome.

y) *A rapariga, essa media-me com atenciosa reflexão* (28, I, p. 23) que se normaliza da seguinte maneira: *quanto à rapariga, essa media-me com atenciosa reflexão.*

z) *Aquela mina de ouro*, ela não ia deixar que outras espertas botassem as mãos (81, p. 79) que se normaliza da seguinte maneira: *quanto àquela mina de ouro, ela não ia deixar que outras espertas botassem as*

* Rever o exemplo *n*, de Machado de Assis.

mãos. Este anacoluto está na mesma situação dos exemplos *n* e *t*, e constitui um lapso gramatical do autor. Pode-se perfeitamente usar a sintaxe regular: *naquela mina de ouro, ela não ia deixar que outras espertas botassem as mãos*. A transposição de *naquela mina de ouro* é suficiente para enfatizar-lhe a presença no contexto semântico.

II) *Em subordinada substantiva*

E traz entre eles *gala de valente*

Quem só a cara faz fugir a gente (47, p. 73) que se normaliza da seguinte maneira: *E traz entre eles gala de valente a respeito de quem só a cara faz fugir a gente* ou antes, com desdobramento: *e traz entre eles gala de valente aquele a respeito do qual só a cara faz fugir a gente*. Cf. “5.6 — Pronominal Átono; II) *Em subordinada substantiva*, exemplo c”. A sintaxe comum seria: *quem só com a cara faz fugir a gente*, que o autor preferiu, não obstante constituir impecável decassílabo.

III) *Em subordinada adjetiva*

Assanhou-se contra o governo, escrevendo umas objurgatórias, *as quais*, se tivessem gramática à proporção do fel, o governo havia de pôr as mos na cabeça e demitir-se (29, I, p. 795)

que se normaliza da seguinte maneira: *assanhou-se contra o governo, escrevendo umas objurgatórias, a propósito das quais se tivessem gramática à proporção do fel, o governo havia de pôr as mãos na cabeça e demitir-se*.

IV) *Em subordinada adverbial*

Este livrinho encerra uma idéia encoberta, porque *idéias descobertas* já raramente aparece uma (29, II, p. 513) que se normaliza da seguinte maneira: *este livrinho encerra uma idéia encoberta, porque com relação a idéias descobertas já raramente aparece uma*.

5.8 — PSEUDO-ANACOLUTIA

A pseudo-anacolútia se ocupa dos anacolutos falsos, isto é, construções *corretas* ou *incorretas* tidas impropriamente como anacolutos.

I) Construções Corretas

a) Cristo, Moisés e Elias, o que falavam eram os excessos que o Redentor havia de sofrer (93, VIII, p. 68) cuja mera redistribuição dos termos comprova a idoneidade sintática: *o que Cristo, Moisés e Elias falavam eram os excessos que o Redentor havia de sofrer.*

b) As imaginações desregradas fizeram cada qual uma religião ao seu modo (57, II, p. 203)

onde *cada qual* é aposto de *as imaginações desregradas*. Compare-se com *as imaginações desregradas fizeram todas elas uma religião ao seu modo. Cada qual* é binumérico, à semelhança de *cada em cada cinco anos*. Esperava-se a dupla virgulação, que a prática não consagrou.

c) As figuras cada uma entra a representar o seu papel, e passa (91, I, p. 81)

onde *cada uma* é aposto de *as figuras*. Quando o aposto precede o verbo como neste caso, é com ele que se faz a concordância, e não com o sujeito; quando o aposto segue o verbo como no b precedente, é com o sujeito que se faz a concordância.

d) Nem o cão nem os três ingleses tinham proferido, aquele um só ladro, estes um só grasnido (57, II, p. 298) síntese de *nem o cão, aquele, tinha proferido um só ladro, nem os três ingleses, estes, tinham proferido um só grasnido.*

e) Esta é a ditosa pátria minha amada,
À qual se o céu me dá que eu sem perigo
Torne com esta empresa já acabada,
Acabe-se esta luz ali comigo (25, III, XXI)

onde *a qual* está usado como pronome pessoal, e não relativo, introduzindo uma oração coordenada e não subordinada adjetiva: *Esta é a ditosa pátria minha amada; a ela se o céu me dá que sem perigo torne com esta empresa já acabada, acabe-se esta luz ali comigo*. A preferência de *a qual* se justifica pela metrificação: *a ela* quebraria o verso. É um latinismo sintático (37, II, p. 252)

f) E vai ela fita os olhos espantados em mim (28, I, p. 92)
em que *vai* é interjeição, equivalente a *eis* ou *eis que*: *e eis (que) ela fita os olhos espantados em mim.*

g) *E vai eu comecei a perguntar aos criados* (28, I, p. 92)

em que *vai* na 3.^a pessoa *comecei* na primeira comprovam a categoria de *vai* como interjeição.

h) Todo o mundo é necessário concorrer para ornar uma mulher (22, p. 146)

em que a mera redistribuição dos termos, como no exemplo *a*, comprova a idoneidade sintática: *é necessário todo o mundo concorrer para ornar uma mulher*.

i) Casa de ferreiro, espeto de pau
cuja estrutura sintática pressupõe duas orações: *se a casa é de ferreiro, o espeto é de pau*. É uma sintaxe incisiva, característica de certos provérbios.*

j) Logo os montes da ninfa sepultada

Perene se levantam, que, segundo

Antiguidades contam, quando arderam,

Rios de ouro e de prata então correram (25, III, 16)

em que não se pode suprimir a preposição *de*, reclamada por *correram*: *de que rios de ouro e de prata então correram*, isto é, *dos montes*. "Construção já antiquada", comenta Epifânio" (25, p. 139)

k) Quem é nervoso tudo o incomoda (06, p. 28)

onde o pronome *o* é objeto direto pleonástico, tal como em *o nervoso tudo o incomoda*, em que pese a Said Ali, o grande mestre da nossa língua (06, p. 28)

II) Construções Incorretas

a) Sois ingrato e não reconheceis a mão do que recebeis o benefício (23, IX, p. 73)

cuja sintaxe correta seria: *sois ingrato e não reconheceis a mão de que recebeis o benefício*. Para evitar a colisão do *de*, bastaria substituir o por *aquele*: *sois ingrato e não reconheceis a mão daquele de que(m) recebeis o benefício*. Seria preferível reformular a subordinada adjetiva: *não reconheceis a mão daquele que vos faz o benefício*.

b) Receitou-lhe não sei que barzabum de xaropadas que a rapariga nem pra trás nem pra adiante (29, II, p. 446) em que o verbo *ir*, profundo, isto é, subentendido, emerge dos adjuntos adverbiais: *nem ia pra trás nem pra diante*.

c) Muitos estavam ali, que ele tinha morto pai e irmãos (15, I, p. 130)

onde falta o *de* reclamado por *pai* e *irmãos*: *muitos esta-*

* Outro exemplo: *muito riso pouco siso* (58, II, p. 92).

vam ali, de que ele tinha morto pai e irmãos, ou de quem, estilisticamente preferível.

d) Vossa mãe se haverá por ditosa ver-vos em seu poder (15, I, p. 270)

em que o infinito não justifica o *de* suprimido: *ditosa de ver-vos* é a única sintaxe correta.

e) Ver-me de vós amparada,

Que vos ofendi já tanto,

Em parte estou espantada (72, p. 77)

onde, como no caso precedente, o infinitivo não justifica a falência da preposição. É um latinismo sintático. "O infinitivo, quer sozinho, quer precedido por *de*, traduz-se muitíssimas vezes pelo infinitivo: a) *currere non possum* 'não posso correr; b) *destitit loqui* 'parou de falar'. (85, p. 333)".

f) No berço, pendente dos ramos floridos,

Em que eu pequenino feliz dormitava,

Quem é que esse berço com todo o cuidado

Cantando cantigas alegre embalava? (01, p. 55)

Deve ser o *berço pendente dos ramos floridos*, sem a preposição *em* descabida, inútil repetição do *em* regido por *dormitava*.

g) Se presumem as filhas de Jerusalém que sucederá comigo o que a Bersabé com meu pai Davi, enganase, porque nenhuma haverá que me haja de entrar no pensamento (93, VIII, p. 98)

O correto será *enganam-se*, pois *elas* é o sujeito implícito, referente a *filhas*. É inconcebível que o mestre Said Ali procure justificar a discordância (06, p. 27)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, Casimiro de. *Poesias completas*. Pio. Tecnoprint, 1965.
- AGUIAR, Martinz de. *Repassé crítico da gramática portuguesa*. Fortaleza, Tip. Minerva. 1922.
- ALENCAR, José de. *Iracema*. Fortaleza. Imprensa Universitária do Ceará, 1965.
- ALENCAR, José de. *As minas de Prata*. 5.^a Edição. São Paulo. Edições Melhoramentos, s.d.
- ALI, M. Said. *Gramática secundária da língua portuguesa*. 3.^a Edição. São Paulo, Melhoramentos, s.d.
- ALI, M. Said. *Meios de expressão e alterações semânticas*. Rio, Fundação G. Vargas, 1971.
- ALVES, Castro. *Poesias completas*. São Paulo, Edição Saraiva 1966.
- ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. São Paulo, Abril Cultural, 1971.
- ASSIS, Machado de: apud Góis, n.º 56.

- ASSIS, Machado de: apud Lima, n.º 65.
- BARRETO, Mário. *Através do dicionário e da gramática*. Rio. Organização Simões, 1954.
- BARRETO, Mário. *Fatos da língua portuguesa*. Rio, Organização Simões, 1954.
- BARRETO, Mário. *Novísimos estudos da língua portuguesa*. Rio, Livr. F. Alves, 1914.
- BARRETO, Mário. *Novos estudos da língua portuguesa*. São Paulo, Livr. F. Alves, 1921.
- BARROS, João de. *Clarimundo*. Lisboa, Livr. Sá Costa, 1953.
- BARROS, João de: apud Ali, n.º 06.
- BARROS, João de: apud Ribeiro, n.º 84.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 2.ª Edição. São Paulo, Ed. Nacional, s.d.
- BERNARDES, Manuel. *Nova floresta* (seleção). Rio, Jackson, 1950.
- BERNARDES, Manuel: apud Barreto, n.º 13.
- BERNARDES, Manuel: apud Barreto, n.º 14.
- BERNARDES, Manuel: apud Góis, n.º 56.
- BERNARDES, Manuel: apud Ali, n.º 06.
- CÂMARA Jr., J. Mattoso. *Dicionário de filologia e gramática*. São Paulo, Ozon, 1968.
- CAMÕES, Luís de. *Os Lusíadas*, comentados por Epifânio Dias. Porto, Companhia Portuguesa Editora, 1916.
- CAMÕES, Luís de. *Obra completa*. Rio. Aguilar, 1963.
- CARVALHO, José. *O matuto cearense e o caboclo do Pará*. Fortaleza, Imprensa Universitária da UFC, 1973.
- CASTELO BRANCO, Camilo. *Mistérios de Lisboa*. Lisboa, Parceria A. M. Pereira, 1969.
- CASTELO BRANCO, Camilo. *Obra seleta*. Rio, Aguilar, 1960.
- CASTELO BRANCO, Camilo: apud Aguilar, n.º 02.
- CASTELO BRANCO, Camilo: apud Barreto, n.º 11.
- CASTELO BRANCO, Camilo: apud Barreto, n.º 14.
- CASTELO BRANCO, Camilo: apud Góis, n.º 56.
- CASTELO BRANCO, Camilo: apud Pereira, n.º 77.
- CEGALLA, Domingos Paschoal. *Novíssima gramática*. São Paulo, Editora Nacional, 1977.
- CHOMSKY, Noam. *Aspects of the theory of syntax*. Massachusetts. M. I. T. Press, 1965.
- CLIMENTI, Mariano Bassols de. *Sintáxis latina*. Madrid, C. Bernejo, 1956.
- COFLHO NETO: apud Maciel, n.º 70.
- CORREIA, Raimundo. *Poesias completas*. São Paulo, Editora Nacional, 1948.
- COUTO, Diogo do: apud Ali, n.º 06.
- COUTO, Diogo do: apud Ribeiro, n.º 84.
- CRESPO, Gonçalves: apud Oliveira, n.º 74.
- CUNHA, Celso Ferreira da. *Gramática da língua portuguesa*. Rio, FENAME, 1975.
- DIAS, Epifânio da S. *Sintaxe histórica portuguesa*. Lisboa, Livr. Clássica Editora, 1959.
- DIAS, Gonçalves. *Poesias completas*. Rio, Edições de Ouro, s.d.
- DOLORES, Carmem: apud Aguiar, n.º 02.
- DURÃO, Santa Rita. *Caramuru*. Rio, Livr. Agir, 1961.
- FERREIRA, Antônio. *Poemas Lusitanos*. Lisboa, Livr. Sá da Costa, 1953.

- FERREIRA, Antônio: apud Barreto, n.º 13.
- FERREIRA, Delson Gonçalves. *Análise sintática*. Belo Horizonte, Editora B. Álvares, 1965.
- FIGUEIREDO, Cândido de. *Gramática sintética da língua portuguesa*. Lisboa, Livr. Clássica Editora, 1916.
- GARRETT, Almeida. *Obras de*. Porto, Lello & Irmão, 1963.
- GARRETT: apud Barreto, n.º 13.
- GARRETT: apud Pereira, n.º 77.
- GARRETT: apud Ribeiro, n.º 84.
- GÓIS, Carlos. *Sintaxe de regência*. Rio, Livr. F. Alves, 1959.
- HERCULANO, Alexandre. *Lendas e narrativas*. 28.ª Edição. Livr. Bertrand, s.d.
- HERCULANO, Alexandre. *O monge de Cister*. 23.ª Edição. Lisboa, Livr. Bertrand, s.d.
- HERCULANO: apud Dias, n.º 44.
- JACOBS-ROSENBAUM. *English transformational grammar*. Blaisdell, 1968.
- JUCA (filho), Cândido. *Novo método de análise sintática*. Rio, Livr. F. Alves, 1936.
- JUNQUEIRO, Guerra. *A morte de D. João*. Lisboa, Parceria A. M. Pereira, 1944.
- JUNQUEIRO, Guerra. *A velhice do Padre Eterno*. Porto, Lello & Irmão, 1945.
- LELLO, José e Edgar. *Lello universal*. Porto, Lello & Irmão, s.d.
- LIMA, Rocha. *Gramática normativa da língua portuguesa*. Rio, J. Olympio, 1974.
- LOBO, F. Rodrigues: apud Ribeiro, n.º 84.
- MACAMBIRA, José Rebouças. *A estrutura morfo-sintática do português*. São Paulo, Livr. Pioneiro, 1978.
- MACAMBIRA, José Rebouças. *A estrutura da oração reduzida*. Fortaleza, Imprensa Universitária da UFC, 1971.
- MACHADO, Anibal: apud Cegalla, n.º 35.
- MACIEL, Maximino. *Gramática descritiva*. Rio, Livr. F. Alves, 1926.
- MELO, Francisco Manuel de. *Apólogos dialogais*. Lisboa, Livr. Sá da Costa, 1959.
- MIRANDA, Sá de: apud Aguiar, n.º 02.
- MOREIRA, Júlio. *Estudo da língua portuguesa*. Lisboa, Livr. Clássica Editora, 1907. Primeira Série.
- OLIVEIRA, Alberto de. *Os cem melhores sonetos brasileiros*. Rio, Livr. Freitas Bastos, 1951.
- OLIVEIRA, Alberto de: apud Ferreira, n.º 50.
- PEREIRA, Antônio: apud Pereira, n.º 77.
- PEREIRA, Eduardo Carlos. *Gramática expositiva*. São Paulo, Editora Nacional, 1958.
- PRESTES, Antônio: apud Moreira, n.º 73.
- QUEIRÓS, Eça de. *O crime do Pe. Amaro*. Porto, Lello & Irmão, 1958.
- QUEIROZ, Raquel de: apud Cegalla, n.º 35.
- REGO, J. L. do: apud Cunha, n.º 43.
- RIBEIRO, Bernardim: apud Aguiar, n.º 02.
- RIBEIRO, Bernardim: apud Ribeiro, n.º 84.
- RIBEIRO, João. *Gramática portuguesa*. Rio, Livr. F. Alves, 1920.
- RIEMAN et GOELZER. *Grammaire grecque complète*. Paris, Libr. Armand Colin, 1946.
- SILVA, Rebelo da: apud Góis, n.º 56.
- SOUSA, Frei Luís de: apud Barreto, n.º 13.

VASCONCELOS, J. Ferreira: apud Ribeiro, n.º 84.
VENDRYES, J. *Le langage*. Paris, Albin Michel, 1950.
VIEIRA, Pe. Antônio. *Arte de furta*. Rio, Garnier, 1907.
VIEIRA, Pe. Antônio. *Sermões*. Lisboa, Lello & Irmão, 1951.
VIEIRA, Pe. Antônio: apud Ali, n.º 05.
VIEIRA, Pe. Antônio: apud Ali, n.º 06.
VIEIRA, Pe. Antônio: apud Góis, n.º 56.
VIEIRA, Pe. Antônio: apud Pereira, n.º 77.
ZURARA, Eanes: apud Ali, n.º 06.